



MÍRIAM LEITÃO

## Coragem e erro

• O Governo errou quando misturou o ajuste fiscal com o aumento da gasolina e do Imposto de Renda pessoa física. Há no pacote medidas politicamente difíceis, dolorosos cortes de gastos, decisões corajosas, mas ao serem misturados com os dois aumentos mais emblemáticos — o do imposto dos assalariados e o do preço mais visível da economia — tudo o mais fica menos importante. Eles são 10% do pacote, mas ocupam quase todo o espaço.

O aumento do IRPF vai levar aos cofres públicos R\$ 1 bilhão. O aumento dos combustíveis, US\$ 1,16 bilhão. Era preferível não adotar estas medidas e apresentar um esforço fiscal de R\$ 18 bilhões, do que incluir estes itens que necessariamente atraem o foco do noticiário e jogam sombra sobre o resto.

Para piorar, o dinheiro do aumento dos combustíveis vai ser apropriado por uma daquelas criações infernais da burocracia: O FUP-FUPA, fundos para uniformização de preços. Fica difícil até para especialista entender a vantagem fiscal de uma medida assim.

O Governo confundiu medidas impopulares com atingir de novo a mesma vítima: o consumidor/contribuinte. Ele seria atingido indiretamente pela redução do nível de atividade na economia — inevitável quando o Governo corta gastos e aumenta juros — não precisava ser alvo direto.

O alvo tem que ser o gasto público. E contra ele o Governo atirou, mais do que qualquer outro Governo teve coragem de fazer: corte linear de incentivos fiscais, demissões de funcionários não estáveis, corte de quase dois mil cargos em comissão, redução de R\$ 1,5 bilhão na folha salarial de um funcionalismo que há três anos não recebe aumento.

E mais: o Governo deu um verdadeiro garrote no endividamento. Estatais não podem mais lançar debêntures nem quando resgatarem as que estão em mercado; os 27 estados juntos podem fazer operações de antecipação de receita (AROs) de apenas R\$ 900 milhões; bancos públicos têm que entregar seus lucros para pagar dívida pública.

Mesmo nesta área houve de-

cisões decepcionantes: as estatais têm que cortar apenas 5% do custeio e 6% dos investimentos. Algumas delas estão altamente capitalizadas e poderiam cortar mais fundo.

Há partes do pacote que parecem ser fruto de uma grande faxina nas gavetas. Idéias que estavam lá sendo estudadas e que foram convocadas de emergência para engordar o pacote. Outras não têm muita relevância, como a de redução do limite de compras no Duty Free. É difícil imaginar um Governo inteiro reunido no fim de semana falando de compras em free shop.

Era preferível que o Governo tivesse anunciado poucas e boas: menos medidas e mais claramente perceptíveis pelo mercado e pela opinião pública como demonstração da clara coragem política, que o Governo de fato demonstrou.

Só que os sinais de extrema firmeza ficaram misturados a medidas que não necessariamente tinham a ver com o objetivo, ou, o que é pior, com decisões equivocadas como o aumento de Imposto de Renda do assalariado.

O Governo explica que não podia concentrar cortes grandes em apenas alguns itens porque tem tantas limitações legais, constitucionais, de direitos adquiridos que só num conjunto de 51 medidas consegue o efeito pretendido.

Isto é verdade e só confirma mais uma vez a urgência das reformas. Que para isto o Congresso tenha noção da gravidade do momento. O Governo pode ter errado na sua estratégia de marketing, em alguns itens do pacote, mas demonstrou que tem uma noção clara da dimensão da crise e está disposto a correr riscos para defender a moeda. Isto é o fundamental.

## Um pouco de inflação

• A Fipe, que ficaria em 0,2% em novembro, deve ficar em 0,4%. A de dezembro daria deflação e deve ficar positiva. Este é o efeito do aumento dos combustíveis. O aumento do IPI de carros e bebidas pode não ser repassado, dependendo do nível das vendas. Se fosse cigarro, seria mais fácil repassar porque cigarro tem demanda inelástica. Ou seja, quem fuma, paga.

## Novo mestre

• Quem está de malas prontas para os Estados Unidos é o ex-diretor de Normas do Banco Central Alkimar Moura. Ele foi convidado pela Universidade de Berkeley para dar aulas sobre o Brasil. A universidade vai preparar novos brasilianistas.

## No páreo

• A privatização do metrô carioca ganhou mais um candidato. O grupo argentino Roggio, responsável pela administração do metrô de Buenos Aires, já decidiu que vai participar. Ontem contratou para adviser o Bozano, Simonsen.

■ ■ ■ ■ ■

• **COM** toda a confusão e o nervosismo de sexta-feira, saíram apenas US\$ 474 milhões no comercial e flutuante.

• **OS** ministros deixaram claro ontem que entenderam que a crise da Ásia vai ser longa. Abandonada portanto aquela postura inicial de que iríamos lucrar com a crise dos outros.

• **COBERTO** de razão o presidente Menem de apoiar o pacote. Se a decisão fosse desvalorizar, o peso argentino iria sofrer um ataque imediato.

• **A PROPOSTA** de desvalorizar o real, defendida pela oposição, é o mesmo que propor transferência de renda de toda a sociedade para os exportadores. Como houve na época do Governo militar

COM DIRCEU VIANA

E-mail para esta coluna: [paneco@oglobo.com.br](mailto:paneco@oglobo.com.br)